

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: RO 171

Data: 18.04.87

Pg.: _____

Índios brasileiros estão a caminho da completa extinção

Porto Velho (AJB) — “Alguns grandes proprietários poderosos, com a ajuda de autoridades, estão reservando para o índio brasileiro o mesmo destino do aborígene da América do Norte: Um massacre que levará as nações indígenas brasileiras a uma completa extinção”. A denúncia é do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em Rondônia em documento alusivo ao Dia do Índio, que este ano coincide com a Páscoa, a ser divulgado neste domingo em todas as paróquias dos Estados.

Em Rondônia, os índios Uru-Eu-Wau-Wau são os povos que mais se caracterizam, segundo o CIMI, como vítimas dessa “trama diabólica e etnocida”, adjetivos que o conselho também aplica ao Projeto Calha Norte, cuja abrangência, porém, não inclui este Estado. Habitante do Parque Nacional dos Pakaas Novos, criado pelo decreto 84.019, de 21 de setembro de 1979, essa tribo já não conta mais com a área inicial de 1,8 milhão de hectares, mas com apenas 18 mil hectares.

“Os poderosos querem também se apoderar deste único pedaço de terra. Aliás, já estão dentro, isto é, colocaram jagunços ali, plantaram alguma coisa e, com isso, acima de tudo, estão ameaçando a vida dos índios”, denuncia o CIMI, revelando que os latifundiários da região, que envolve os municípios de Guajará Mirim, Ariquemes, Costa Marques, Ouro Preto do Oeste, Jaru, Presidente Médici e Porto Velho, são liderados por Wilson Cavalo, “que está fazendo de tudo para roubar a terra dos índios”.

Entre os políticos que dão respaldo aos fazendeiros invasores, o CIMI cita o deputado estadual José do Prado (PFL), o deputado federal Assis Canuto

(PFL) e o ex-senador Galvão Modesto (PFL).

Os Uru-Eu-Wau-Wau ainda não são aculturados, nem totalmente contactados, mas o CIMI estima que foram um grupo de aproximadamente 200 indivíduos, afetados, já há 8 anos, por uma invasão oficial, ou seja, a implantação, pelo Incra, mesmo sob advertência de líderes da causa indígena, de um projeto de assentamento, o Burareiro, dentro do parque nacional dos Pakaas Novos. Mas os colonos, a maioria migrante, não sabiam disso, e, de acordo com o CIMI, acabaram sendo instrumentos de terceiros.

“Como houve ataque dos índios, os colonos venderam a terra para pessoas que, na época, tinham mais dinheiro e que aos poucos, se tornaram poderosos e com grande influência, de modo que foram atacando e matando os índios”, denuncia o documento a ser divulgado domingo pelo CIMI nas paróquias.

O indigenista Hugo Pedro da Silva, 43 anos, há 15 anos na Funai, confirma as invasões, observando que têm sido cada vez maiores. Para a abertura da BR-429, por exemplo, que liga a BR-364 a Costa Marques, na fronteira com a Bolívia, foram subtraídos do parque nacional do Pakaas Novos 55 mil 700 hectares. Certos trechos da rodovia ficam a 10 quilômetros da reserva.

Nas linhas 623, em Jaru, e 64, em Ouro Preto do Oeste, as madeiras Cometa e Urupá derrubaram, respectivamente, entre espécies como cerejeira, mogno, angelim e cedro, 9 mil 925 metros cúbicos e 1 mil 150 metros cúbicos de madeira. As toras estão retidas nas áreas pela Funai e garantidas por policiais militares, porque pertencem aos Uru-Eu-Wau-Wau.

A Funai registra, desde 1945, mais

de 30 mortes de invasores praticadas pelos Uru-Eu-Wau-Wau. A última vítima de que se tem notícia foi o tratorista João Vicente, funcionário de uma madeireira. Ele morreu flechado, no início de setembro do ano passado, quando desmatava uma área dentro da reserva da tribo às margens da BR-429.

Elogios

Prometida em campanha e criada pelo governador Henrique Santillo, a Superintendência Estadual de Assuntos Indígenas está em fase de estruturação, tendo no seu comando o índio Idjarruri Karajah. Exclusivamente voltado para os problemas dos índios, o órgão tem merecido elogios por parte de autoridades federais, sendo Goiás o primeiro Estado a tomar tal iniciativa.

Idjarruri Karajah, candidato do PMDB à Constituinte, derrotado nas últimas eleições, tem com meta principal a solução dos problemas sociais de seu povo e a integração do índio à comunidade. Dentro desse contexto, a maior preocupação de Idjarruri, formado em Administração pela Universidade Católica, é preservar a identidade indígena em qualquer que seja o estágio da “civilização” das tribos. “Não podemos promover uma integração agredindo o índio. Não podemos permitir que haja interferência na forma de viver, nos costumes e nas tradições indígenas”, afirma ele.

O plano da Superintendência de Assuntos Indígenas não conflita com a situação da Funai, segundo Karajah. É que a atuação da Funai tem percorrido a faixa assistencial, enquanto que a superintendência atuará na área social e, principalmente, cultural, sempre na defesa das tradições indígenas.